



# João 21, um resgate da comunhão nas origens do Cristianismo

John 21, a rescue of communion in the origins  
of Christianity

*Waldecir Gonzaga\**

PUC-Rio

*Jean Poul Hansen\*\**

PUC-Rio

Recebido em: 26/07/2025. Aceito em: 21/08/2025.

**Resumo:** *Quando o cristianismo deixa de ser apenas um grupo dentro do judaísmo e passa a formar a “Grande Igreja” – a Católica –, a partir de comunidades cristãs de diversas procedências e dispersas em todo o Império Romano, a convergência na comunhão ao redor da figura do apóstolo Pedro se torna um elemento de grande relevância. Este elemento não existe, porém, na Comunidade Joanina. Quando ela perde parte de seus membros para a heresia gnóstica, por falta de um garante de unidade interna, e reconhece sua dificuldade de comunhão na “Grande Igreja” por causa da proeminência de Pedro, a escola joanina decide acrescentar um capítulo ao seu Evangelho a fim de reconduzir seus membros à plena comunhão. É neste ambiente tardio que se dá a redação de Jo 21, em continuidade com o restante já consolidado do*

\* Doutor e Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma, Itália). Possui um Pós-Doutorado pela FAJE (Belo Horizonte, Brasil) e está realizando um segundo Pós-Doutorado junto ao PPGTeo PUC-RS (Porto Alegre, Brasil). Atualmente é diretor e professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da PUC-Rio. É criador e líder do Grupo de Pesquisa Análise Retórica Bíblica Semítica, credenciado junto ao CNPq (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/369991>).

E-mail: [waldecir@hotmail.com](mailto:waldecir@hotmail.com). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9171678019364477> e ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5929-382X>.

\*\* Doutorando em Sistemática Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Mestre em Teologia Dogmática pela Universidad Pontificia de Salamanca, na Espanha; Secretário Executivo de Campanhas da CNBB, Brasília, DF, 70.200-014, Brasil.

E-mail: [hpj76@hotmail.com](mailto:hpj76@hotmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0484082437055103>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5927-416X>.





*Quarto Evangelho. Em Jo 21, Pedro, colocado em segundo plano em relação ao discípulo amado em todo o restante do Quarto Evangelho, é agora apresentado como discípulo amado e amante, de forma a provocar os leitores do Evangelho de João à necessária comunhão interna da Comunidade com Pedro e a “Grande Igreja”. Neste estudo, percorre-se a história das origens da “Grande Igreja” e da Comunidade Joanina, ressaltando suas etapas. Considera-se a relação entre Pedro e o discípulo amado, através dos seus sinais de proeminência no Quarto Evangelho (Jo 1-20), nos Evangelhos Sinóticos e em Jo 21. E apresentam-se os argumentos que corroboram a tese de que Jo 21 é um acréscimo posterior em relação dialética com o corpo do Quarto Evangelho.*

**Palavras-chave:** quarto evangelho; evangelho de João; João 21; comunhão; Grande Igreja; Pedro.

**Abstract:** *When Christianity ceased to be just a group within Judaism and began to form the “Great Church” – the Catholic Church –, from Christian communities of diverse origins and scattered throughout the Roman Empire, the convergence in communion around the figure of the apostle Peter became an element of great relevance. This element did not exist, however, in the Johannine Community. When it lost some of its members to the Gnostic heresy, due to the lack of a guarantor of internal unity, and recognized its difficulty in communion in the “Great Church” because of the prominence of Peter, the Johannine school decided to add a chapter to its Gospel in order to lead its members back to full communion. It was in this late environment that John 21 was written, in continuity with the rest of the already consolidated Fourth Gospel. In John 21, Peter, who had been placed in second place in relation to the beloved disciple throughout the rest of the Fourth Gospel, is now presented as a beloved and loving disciple, in order to provoke the readers of the Gospel of John into the necessary internal communion of the Community with Peter and the “Great Church”. This study explores the history of the origins of the “Great Church” and the Johannine Community, highlighting its stages. It considers the relationship between Peter and the beloved disciple, through its prominent features in the Fourth Gospel (John 1-20), in the Synoptic Gospels and in John 21. And the arguments that corroborate the thesis that John 21 is a later addition in dialectical relationship with the body of the Fourth Gospel are presented.*

**Keywords:** *fourth gospel; gospel of John; John 21; communion; Great Church; Peter.*

**Resumen:** *Quando el cristianismo dejó de ser sólo un grupo dentro del judaísmo y comenzó a formarse la “Gran Iglesia” – la Iglesia Católica –, a partir de comunidades cristianas de diversos orígenes y dispersas por todo el Imperio Romano, la convergencia en comunión en torno a la figura del apóstol Pedro se convirtió en un elemento de gran relevancia. Este elemento no existe, sin embargo, en la Comunidad Joanina. Cuando perdió parte de sus miembros a causa de la herejía gnóstica, por falta de un garante de unidad interna, y reconoció su dificultad en la comunión en la “Gran Iglesia” a causa de la prominencia de Pedro, la escuela joánica decidió añadir un capítulo a su Evangelio para reconducir a sus miembros a la plena comunión. Es en este ambiente tardío que se escribió Juan 21, en continuidad con el resto del ya consolidado Cuarto Evangelio. En*



*Juan 21, Pedro, que había sido colocado en un segundo plano respecto al discípulo amado durante el resto del Cuarto Evangelio, es ahora presentado como un discípulo amado y amante, para provocar a los lectores del Evangelio de Juan a la necesaria comunión interna de la Comunidad con Pedro y la “Gran Iglesia”. Este estudio explora la historia de los orígenes de la “Gran Iglesia” y la Comunidad Juanina, destacando sus etapas. La relación entre Pedro y el discípulo amado es considerada a través de sus signos de prominencia en el Cuarto Evangelio (Juan 1-20), en los Evangelios Sinópticos y en Juan 21. Y se presentan los argumentos que corroboran la tesis de que Juan 21 es un añadido posterior en relación dialéctica con el cuerpo del Cuarto Evangelio.*

**Palabras claves:** cuarto evangelio; evangelio de Juan; Juan 21; comunión; Gran Iglesia; Pedro.

## Introdução

No processo de formação da “Grande Igreja”, nos primeiros séculos cristãos, foi decisiva a comunhão ao redor da figura de Pedro. Isso é claramente demonstrado nos Evangelhos Sinóticos, nos quais Pedro encabeça a lista dos apóstolos e responde em seu nome às questões postas pelo Mestre, entre outras expressões.

As comunidades joaninas (Köstenberger, 2009), formadas ao redor do discípulo amado, apresentaram, no princípio, certa dificuldade em admitir essa proeminência petrina. Logo a seguir, porém, quando experimentam divisões internas e a necessidade de um garante de unidade, parte significativa dessa comunidade – qualitativamente falando – passa a fazer parte da “Grande Igreja” assumindo o primado petrinu e conjugando-o com a figura singular do discípulo amado pelo Senhor.

É interessante perceber como todo esse caminho ficou registrado nas páginas do cânon bíblico do Novo Testamento (Gonzaga, 2025), no conjunto da obra joanina e, em especial, em Jo 21. A intenção deste estudo é revisitar e analisar momentos significativos do percurso histórico da comunidade joanina, a fim de perceber como a comunhão ao redor de Pedro foi decisiva para a sua integração na “Grande Igreja” e como isso ficou retratado na composição de Jo 21.

Para tanto, versa-se a respeito da formação da “Grande Igreja”, chamada a Católica; do percurso da formação das comunidades joaninas antes da redação do Quarto Evangelho, durante a sua redação, no tempo da redação das Cartas de João e, finalmente, no tempo da dissolução da comunidade e da relação de Pedro e do discípulo amado, através dos sinais de proeminência de João no Quarto Evangelho (Jo 1-20), um dos



textos do *corpus* joanino (Gonzaga, 2019, p. 409; 2020, p. 681-704; 2024, p. 01-19; 2025, p. 93-118), e de Pedro nos Evangelhos Sinóticos e em Jo 21. Por fim, serão analisadas as hipóteses sobre a redação de Jo 21 e o novo olhar que ele lança sobre o conjunto do Quarto Evangelho.

## 1 A formação da “Grande Igreja”

Em fins do século I d.C., a partir da queda de Jerusalém, e durante todo o século II d.C., produziu-se dentro do cristianismo das origens um movimento que conjugou o rompimento com o judaísmo e a necessidade de maior coesão interna em torno da própria identidade. O cristianismo deixa de ser apenas um grupo dentro do judaísmo, em sentido sociológico, e passa a formar a “Grande Igreja” ou Igreja Católica, no sentido original grego da palavra, a partir de comunidades cristãs de diversas procedências e dispersas em todo o Império Romano.

É um período de grandes desafios: estão se desenvolvendo os diversos ministérios na comunidade, também os rituais e sacramentos que fecundam a vida pessoal e comunitária, os conteúdos da fé (cânon das Escrituras e Credos) e o seu enraizamento na pessoa e pregação de Jesus Cristo, bem como a fidelidade na continuação de sua obra, por meio da Tradição, da sucessão apostólica e do primado de Pedro (Rebaque, 2010, p. 427).

No campo ministerial, prevaleceu a organização tripartida de Inácio de Antioquia: bispo como cabeça da comunidade, diácono como servidor do bispo e da comunidade e presbitério ou colégio de anciãos, onde se preserva a colegialidade. É neste período também que algumas Igrejas Locais de fundação apostólica começam a criar uma zona de influência supra ou intercomunitária. Pouco tempo depois, essas redes específicas de comunidades se tornarão patriarcados de Jerusalém, Antioquia e Alexandria e em seguida, Roma e Constantinopla. Também a Igreja de Cartago é um exemplo de Igreja Local com ampla influência no norte da África, muito embora nunca tenha se tornado um patriarcado no modelo dos supramencionados (Casalegno, 2019).

Nos campos litúrgico e catequético, os ritos do Batismo em torno à água e à fórmula trinitária desenvolvem-se paralelamente às primeiras fórmulas de fé, gérmens dos futuros credos. Também os ritos da Eucaristia vão se solidificando em cada Igreja Local em fórmulas codificadas, depois de um desenvolvimento bastante livre das orações por parte de



quem presidia. Surge e se estrutura nesse período o catecumenato, como caminho de desenvolvimento da pertença a Cristo e sua comunidade.

Contudo, é no campo teológico-pastoral que se vão produzir as maiores novidades. Quando começaram a desaparecer aqueles personagens que conviveram com Jesus, tornaram-se prioritários e fundamentais os demais vínculos que asseguravam a continuidade com as origens (Tradição). De tal forma, foi sendo criada uma série de recursos para manter essa memória histórica, algo difícil, dada a inexistência de uma instância central reconhecida por todos e a dispersão das comunidades em variados contextos socioculturais, com desenvolvimentos eclesiais diversos. Assim, o cânon das Escrituras e a sucessão apostólica se tornaram instrumentos básicos para assegurar a Tradição enquanto se cristalizavam as fórmulas de fé (Credos: Romano, Apostólico e Niceno Constantinopolitano).

Outro elemento fundamental para o estabelecimento da comunhão com a “Grande Igreja” – sobremaneira interessante a esta pesquisa – foi o reconhecimento do papel fundamental de Pedro e seus sucessores na Igreja de Roma como referenciais de unidade para toda a Igreja.

De acordo com Rebaque (2010, p. 453), este movimento/processo, ou dinâmica chamada catolicismo, acabou por consolidar-se na maior parte das comunidades cristãs, não sem resistência. Os grupos que não se integraram nesta corrente plural, inclusiva e formada como fruto de consensos mais que de exclusões, acabaram por permanecer à margem do processo, tornando-se pouco expressivos, alguns foram desaparecendo; porém, a “Grande Igreja” foi crescendo e se espalhando pelo mundo, sendo unida ao redor da figura e do ministério petrino.

## 2 História da comunidade joanina

### 2.1 Fase I: a comunidade pré-evangélica

Originariamente, a comunidade joanina fora composta por judeus helenistas<sup>1</sup> que aplicavam a Jesus títulos do Antigo Testamento que, em seus lábios, não expressavam por si mesmos a divindade de Jesus, salvaguardando assim o monoteísmo absoluto do judaísmo. A isto Brown (2005, p. 27) chama de baixa cristologia. As tradições básicas do

<sup>1</sup> Isto é, judeus de língua grega e não hebraica; vindos da diáspora e em sua maioria com uma postura contrária ao culto e ao Templo.



Evangelho do João parecem situar este grupo em Jerusalém ou em seu entorno. São indícios dessa origem o vasto conhecimento da topografia jerosolimitana que o Evangelho apresenta (Ubieta, 2010, p. 309). Há também evidências de que alguns membros da comunidade joanina tenham sido antes discípulos de João Batista (Brown, 2005, p. 30-32). Um terceiro grupo fazia parte da comunidade joanina e este se caracterizava por sua alta cristologia, ou seja, por compreender Jesus dentro da esfera da divindade (Brown, 2005, p. 35-37).

Muitas coisas aconteceram em Jerusalém no século I d.C. e o cenário complexo desse tempo causou a saída da comunidade joanina de Jerusalém, provavelmente em direção norte, instalando-se, ainda que provisoriamente, na Samaria:

- ✓ **36-37 d.C.:** linchamento de alguns cristãos (At 6), inclusive Estevão (At 7);
- ✓ **40-41 d.C.:** crise de Calígula com a destruição do altar imperial em Jamnia;
- ✓ **66-70 d.C.:** Guerra Judaica;
- ✓ **e outras.**

*Em todo caso, a saída do grupo joanino aconteceu num momento em que já se havia formado o relato oral da Paixão, cuja composição se situa em Jerusalém num tempo não muito distante dos acontecimentos, pois forma parte do patrimônio joanino desde as origens (Ubieta, 2010, p. 310).*

A permanência, ainda que breve, da comunidade joanina na Samaria aparece refletida, segundo alguns autores, em Jo 4, que seria um relato etiológico dos inícios desta comunidade. Nele, uma mulher samaritana teria desempenhado importante papel e muitos samaritanos teriam se convertido ao cristianismo, passando a fazer parte da comunidade joanina. Isso estaria de acordo com At 8,1.40 e 11,19, em que se afirma que os cristãos helenistas, tendo que sair de Jerusalém, desempenharam importante papel na evangelização da Samaria, lugar que Jesus proibira aos seus discípulos (Mt 10,5) e de gente que lhe demonstrara grande hostilidade nas tradições sinóticas (Lc 9,52-55). Brown (2005, p. 39) não acredita nesta permanência da comunidade joanina no território da Samaria, mas defende a conversão de um significativo grupo de samaritanos que passa a fazer parte da comunidade joanina, enriquecendo-a com sua teologia própria.



Segundo Brown: “Inevitavelmente, a combinação de uma cristologia diferente, a oposição ao culto do Templo e os elementos samaritanos [...] teriam feito os cristãos joaninos particularmente odiosos aos judeus mais tradicionais” (2005, p. 39), o que gerou a expulsão, o linchamento e até mesmo o assassinato de cristãos da comunidade joanina (Jo 16,2). Para os judeus, aqueles que proclamavam um segundo Deus – cantando em seu hino comunitário “o verbo era Deus” (Jo 1,1) (Gonzaga; Telles, 2023, p. 292-317) e confessando sua fé saudando a Jesus como “meu Senhor e meu Deus” (Jo 20,28) (Gonzaga; Lima, 2022, p. 130-163; 2024), violando assim o princípio básico da identidade judaica – deviam ser, como consequência deste elemento de descontinuidade com o judaísmo, expulsos das sinagogas e inclusive exterminados por sua blasfêmia (Brown, 2005, p. 47).

Esta separação do judaísmo ocasionou nos judeu-cristãos da comunidade joanina uma nova identidade apartada do judaísmo e, portanto, mais aberta. É nesse contexto que a comunidade joanina admite um grupo de gentios, fato atestado em algumas partes do Evangelho nas quais o evangelista precisa explicar termos, locais e outras realidades absolutamente conhecidas dos judeus (Brown, 2005, p. 53-54).

Assim, conclui-se que o quadro da comunidade joanina pré-evangélica, era formado por:

- ✓ um grupo de **judeu-cristãos**, incluindo discípulos de João Batista;
- ✓ um grupo de **cristãos-helenistas**, ou seja, judeus vindos da diáspora com uma concepção anti-Templo e seus convertidos da Samaria e
- ✓ um grupo de **gentios** convertidos ao cristianismo joanino.

É importante salientar que em nenhum estágio dessa história da comunidade joanina pré-evangélica se constata alguma luta ou divisão interna. Pelo contrário, suas batalhas foram contra os de fora (Brown, 2005, p. 55). É necessário, então, situar geograficamente a comunidade.

Como dito anteriormente, a Samaria parece ter sido uma passagem temporária da comunidade joanina, embora não se descarte a possibilidade de que ali tenha permanecido um grupo de cristãos joaninos. Contudo, o Evangelho parece aludir em Jo 4,43-45 a um prosseguimento no caminho da comunidade em direção ao norte, mais concretamente à Galileia. Na Galileia existiam algumas grandes cidades onde, provavelmente, falava-se grego e onde os judeu-cristãos helenistas sentir-se-iam



em casa, visto estarem acostumados ao mundo urbano. Várias cidades poderiam ter acolhidos os grupos joaninos. Na baixa Galileia, próximo a Nazaré e Caná, entre as cidades citadas no Evangelho, está Séforis; e ao norte, na fronteira com a Síria, está Cesareia de Filipe. A vantagem de situar na Galileia este estágio da comunidade joanina é que explicaria o contato com determinadas tradições claramente presentes no Evangelho (Ubieta, 2010, p. 313-315). De acordo com Ubieta:

*Uma vez assentados em alguma dessas cidades e reiniciada sua vida cotidiana, estes grupos, que haviam levado consigo sua fé em Jesus e suas tradições, seguiram fazendo memória das mesmas e utilizando-as na liturgia, mas agora desde uma nova situação vital, enriquecida por alguns elementos da teologia e das tradições samaritanas que lhes havia deixado a passagem pela Samaria. Sem dúvida, seu novo lugar de residência lhes deu a possibilidade de conhecer outros grupos galileus que também confessavam a Jesus como Messias e suas tradições próprias e locais. Como já dissemos, poderia ter sido nesta ocasião e lugar que adquiriram as tradições dos ditos e milagres, a reflexão sapiencial ou as tradições da família de Jesus que se deixam ver na obra joanina e que muito bem se explicariam se, em sua nova residência, por exemplo, em Séforis, tenham conhecido grupos de fiéis que conservavam outras tradições e, inclusive poderiam ter conhecido parentes do Senhor (2010, p. 315).*

## 2.2 Fase II: o tempo da redação do Evangelho

Os anos 70 d.C. foram decisivos para o processo redacional dos Evangelhos (Boring, 2015; Brown, 2020, vol. 2; Bruce, 201). Já haviam passado 40 anos desde os fatos ocorridos com Jesus de Nazaré. A memória comunicativa já apresentava sinais de crise e as testemunhas oculares já começavam a desaparecer. Isso exigiu necessariamente repensar a transmissão da mensagem e sua concretização escrita, acompanhada da releitura de toda a tradição oral acumulada até o momento, que ganhara força e espaço, sem fazer desaparecer a oralidade, mas convivendo com ela. Não se pode esquecer também das Guerras Judaicas e da destruição do Templo de Jerusalém, que gerou enorme crise identitária nos judeus e obrigou todos a uma releitura histórico-simbólica em busca da própria identidade. Isso foi desenvolvido a partir dos grupos aos quais estavam afiliados: os fariseus recuperaram a centralidade da Lei como identidade própria, e os cristãos, tomaram a pessoa de Jesus de Nazaré, de múltiplas



formas, como múltiplas eram as comunidades de seguidores (Beasley-Murray, 1991).

Brown (2005, p. 59) defende que João, imediatamente depois de Marcos, e conhecendo sua obra, teria empreendido antes de Mateus e Lucas seu labor redacional, em torno aos anos 80 d.C., mas que a obra de fato teria sido concluída nos anos 90 d.C.; Vouga (p. 97-111) sugere que esta redação tenha ocorrido na Ásia Menor, ao redor de 95-100 d.C. Estamos falando da primeira redação do Evangelho de João, discutida, porém plausível, como resposta à necessidade de dar um marco mais fixo, ordenado e unitário às tradições orais que compunham a memória da comunidade. Colocar por escrito o resultado do esforço anamnético do grupo dava autoridade à sua confissão de fé em Jesus e à interpretação que a partir daí faziam das esperanças de Israel (das Escrituras), bem como, possibilitava a argumentação e confrontação com outras posições dentro da sinagoga, onde viviam nesta época uma situação muito tensa<sup>2</sup>. Jesus era posto como o centro do judaísmo, desde onde se poderia configurar uma nova forma de ser judeu e de viver tal religiosidade (Ubieta, 2010, p. 316-318).

Opostos a outros grupos não-crentes ou mesmo crentes, os cristãos da comunidade joanina consideraram-se uma comunhão (*koinonia*), uma vez que há nela um profundo sentido de família. Ademais, a denominação “irmão” é comum, visto que todos são filhos de Deus. A máxima “amai-vos uns aos outros” (Jo 13,34;15,12) é o principal mandamento e este amor aporta alegria e paz a todos os que compartilham a mesma visão de Jesus.

Alguns especialistas consideram que esse autêntico amor interno e a oposição externa teriam feito da comunidade joanina um grupo fechado em si mesmo até o ponto de criar uma linguagem própria, esotérica, ininteligível aos estranhos. Brown, por exemplo, afirma que

*o Evangelho não é um manifesto de um grupo fechado que expressa uma superioridade sobre os de fora; seu objetivo é provocar a mesma comunidade joanina a entender a Jesus com maior profundidade. Jesus é de Deus e, por isso, está acima de qualquer compreensão”* (Brown, 2005, p. 61).

Brown afirma que: “o objetivo prioritário do Evangelho é a relação dos fiéis com Deus, através de Jesus e em Jesus” (Brown, 2005, p. 62).

<sup>2</sup> Veja acima o item 2.1. 1ª Fase: a comunidade pré-evangélica.



A comunidade joanina do período da primeira redação do Evangelho é, enfim, uma comunidade unida, que experimenta muitos conflitos com grupos externos. Por exemplo, continua rechaçada pelos judeus nas sinagogas, há conflitos com os seguidores de João Batista que defendem que ele é o messias, com os cristãos que permanecem ligados à Sinagoga e mesmo com outras comunidades de judeu-cristãos de origem apostólica. Todos esses conflitos encontram-se refletidos na redação evangélica. A tragédia real virá mais tarde quando se estabelecer a divisão no seio mesmo da comunidade joanina.

### 2.3 Fase III: divisão interna e redação das cartas

As cartas atribuídas a João no cânon bíblico do Novo Testamento, redigidas em torno do ano 100 d.C. (Brown, 2005, p. 94; Gonzaga, 2020, p. 681-704), são testemunhas desta difícil e complicada fase da comunidade joanina. A leitura e a interpretação do Evangelho, e quem sabe também alguma influência gnóstica externa, mas possibilitada pela leitura e interpretação do Evangelho, semearam a cizânia da discórdia e da divisão no seio da comunidade. Ela, que no primitivo Evangelho combatia inimigos externos, nas cartas passa a combater inimigos que agora estão dentro da própria comunidade, ora interpretando o Evangelho de modo contrário à sua intenção original, ora trabalhando pela divisão mesma da comunidade.

As cartas, no entanto, apresentam realidades eclesiais distintas que nos ajudam a compreender a configuração das comunidades joaninas: elas não estavam num só lugar, mas em diferentes povoações e cidades, onde podia haver várias igrejas domésticas de cristãos joaninos que coexistiam com outras, de cristãos não-joaninos. 1João deixa entrever que num grande centro urbano, provavelmente Éfeso, havia muitas comunidades ou igrejas domésticas joaninas. Enquanto que as cartas 2-3João apontam para comunidades mais provincianas, situadas a certa distância deste grande centro. Brown diz que:

*a luta entre o autor e os seccionistas tinha ocorrido no centro importante já que 1 Jo tratou de apoiar os que naquele lugar foram leais ao autor. Evidentemente, os seccionistas trataram de conquistar mesmo assim as comunidades provincianas; e por isso, o autor enviou a 2 Jo a uma dessa comunidades, colocando-os em guarda contra os missionários que ensinavam falsas ideias. [...] Noutra povoação Diotrefes havia decidido que ele não queria emissários nem do autor nem dos oponentes e assim,*



*3 Jo foi enviada a outra igreja doméstica na mesma cidade para conseguir hospedagem para os emissários do autor (Brown, 2005, p. 96).*

Se se olha com atenção para 1Jo 4,1-2<sup>3</sup>, é possível ter uma ideia de vários aspectos doutrinários deste conflito entre o autor (presbítero) e os seccionistas. Estes apelam ao Espírito para fundamentar e dar autoridade à sua posição que sublinhava o Jesus celeste e preexistente às custas do Jesus terrestre, histórico, isto é, acentuavam tanto a divindade de Jesus que negavam sua humanidade. Essa afirmação tinha consequências práticas na vida cristã e no convívio fraterno, enfim, na ética comunitária (Ubieta, 2010, p. 336).

Muitos autores supõem que neste período tenham sido feitas algumas adições ao Evangelho primitivo, a fim de corrigir os erros de leitura e interpretação que haviam conduzido à divisão. Estes acréscimos teriam sido feitos pelo presbítero, ou seja, pela escola joanina (Brown, 2005, p. 96-99)<sup>4</sup>, fiel ao espírito e à intenção do discípulo amado. Eles iriam na linha da ética (Jo 14,14-15; 15,7.16; 16,23b-24.26-27), do amor e da unidade intracomunitárias (Jo 13,34-35; 15,9-17; 17,11.20-26), da importância da morte de Jesus (Jo 6,51c-58.66-71; 19,34), da escatologia futura (Jo 6,39.40c-44c) e, inclusive, da inserção no Evangelho da própria figura do discípulo amado (Jo 13,24; 18,15-16; 19,26-27; 21,7). Outros autores preferem pensar que isso já pertencia ao Evangelho primitivo (Fabris, 2003; Hendriksen, 2014; Lémonon, 2020; Michaels, 2010). Segundo Ubieta,

*No entanto, o que parece fora de discussão é que o capítulo 21 foi acrescentado posteriormente à elaboração do Evangelho que termina em 20,1-28. Nele destaca a figura do discípulo amado, mas também a*

<sup>3</sup> 1Jo 4,1-2: “Amados, não deem crédito a todos os que se dizem inspirados; antes, examinem os espíritos, para saber se vêm de Deus, pois no mundo já apareceram muitos falsos profetas. Para saber se alguém é inspirado por Deus, sigam esta norma: fala da parte de Deus todo aquele que reconhece que Jesus Cristo se encarnou”.

<sup>4</sup> Escola Joanina é o termo pelo qual se designa, no desenvolvimento inicial do cristianismo, a geração de mestres que seguiram as testemunhas oculares, pessoas que podiam ensinar com autoridade porque haviam visto e ouvido a outro que, por sua vez, haviam visto e ouvido a Jesus. Segundo Brown é à escola joanina que se deve a utilização do “nós” nas cartas joaninas. A ela pertenceriam os que se sentiam mais próximos do discípulo amado e que procuravam transmitir sua tradição através de uma interpretação escrita. A ela pertenceriam o redator do evangelho, o autor das cartas e seus porta-vozes e o “presbítero” seria sua personificação com caráter de autoridade, não porque ele fora testemunha ocular, mas pela grande proximidade da escola joanina com o discípulo amado.



*de Pedro, que acaba sendo aceito como líder do movimento e com ele a linha que representa. Bastantes autores pensam que isto tem a ver com a ruptura que se deu na comunidade e a aproximação da parte pela qual falava o presbítero à grande corrente eclesial cuja figura representativa era Pedro. Aceitou-se sua autoridade, mas depois de ressaltar a aceitação do sinal tipicamente joanino, o amor entendido ao estilo de João. A identidade que o grupo reivindica neste momento recolhe a memória identitária de outros grupos, mas integrando-a com a sua, a que não renuncia (2010, p. 338).*

#### 2.4 Fase IV: A dissolução da comunidade joanina

A comunidade do discípulo amado, portadora do primitivo Evangelho segundo João, dividiu-se fortemente em dois grupos, a partir precisamente de duas formas de interpretar o próprio Evangelho, uma forma que chamamos “ortodoxa”, desenvolvida por um grupo fiel ao autor do Quarto Evangelho e que se encaminha para a comunhão com a Igreja apostólica ou “Grande Igreja”, capitaneado pela escola joânica, e outra “heterodoxa”, levada a cabo por um grupo seccionista, muito expressivo numericamente, que caminha em direção à gnose.

Sabe-se também que foi essa divisão interna das comunidades, que formavam a comunidade joanina a motivação para a redação das cartas de João, de maneira especial a 1João, que ataca frontalmente o desafio dos seccionistas e, também, dos acréscimos posteriores ao primitivo Evangelho, dentre os quais os capítulos de Jo 15-17, nos quais o tema da unidade aparece claramente na boca de Jesus, num momento crucial.

É importante acrescentar que esses esforços não foram capazes de alcançar plenamente seus objetivos de manter a unidade da comunidade joanina e, após a redação e recepção das cartas, a cisão comunitária tornou-se mesmo ruptura, fazendo com que a comunidade joanina se dissolvesse nas duas direções acima apontadas: “ortodoxia” e “heterodoxia”. Ambos os grupos permaneceram convictos da autoridade do Quarto Evangelho (Jo 1-20), utilizando-o conforme sua intencionalidade, o qual teria recebido o posterior acréscimo (Jo 21).

Os seccionistas “heterodoxos” dissolveram-se em meio à gnose, a quem o Evangelho de João serviu largamente (Brown, 2005, p. 139-140). Essa presença do Quarto Evangelho nas argumentações gnósticas causou grande desconfiança e dificultou sua aceitação na “Grande Igreja”, e, portanto, também foi um empecilho para sua acolhida no cânon bíblico do Novo



Testamento. Testemunha esse fato a clara ausência de citações do Evangelho de João em textos patrísticos do séc. II d.C. (Brown, 2005, p. 144-147).

Contudo, o que mais nos interessa aqui é o caminho feito pelos cristãos da comunidade joanina que preferiram a interpretação “ortodoxa”, fiel ao autor, e, apesar de constituírem um pequenino grupo, caminharam para a comunhão com a “Grande Igreja” apostólica, igualmente levando consigo o Evangelho de sua comunidade (Brown, 2005, p. 147-154).

Se são poucas as citações do Evangelho de João na patrística do século II d.C., suas ideias não o são. Por exemplo, muitos textos de Inácio de Antioquia (cerca de 110 d.C.) e outros Padres da Igreja atestam a aceitação da alta cristologia joanina, expressa prioritariamente na tese da preexistência do Verbo e da visão sacramental da Eucaristia por parte da Igreja apostólica. No entanto, a comunidade joanina precisou acolher em seu seio, e também em seu Evangelho, teses que lhe eram estranhas, porém caras à “Grande Igreja”, especialmente no que diz respeito à eclesiologia e, mais especificamente, à estrutura eclesial.

Na comunidade joanina, a grande autoridade é a do Paráclito. Contudo, ao ver que a maioria de seus membros se encaminhava para o erro seccionista, aqueles que permaneceram fiéis perceberam a necessidade de aprender e acolher das igrejas paulinas os “presbíteros-bispos” como mestres autorizados e baluartes contra os que ensinavam uma “doutrina que não concorda com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com a doutrina conforme a piedade” (1Tm 6,3), reconhecendo, como a “Grande Igreja”, a validade do seu *munus docendi*, como ofício hierárquico exercido em nome do Paráclito, que é aquele que tudo ensina.

Outro elemento que a comunidade joanina agregou em seu processo de integração à “Grande Igreja” apostólica foi o reconhecimento do primado de Pedro, totalmente estranho ao primitivo Evangelho de João que, mesmo não sendo anti-petrino, “deixa bem claro que Simão Pedro (paradigma dos cristãos apostólicos) não entendia a Jesus com a mesma profundidade com a que lhe entendeu o discípulo amado (paradigma dos cristãos joaninos)” (Brown, 2005, p. 153, tradução nossa).

É muito provável que o autor das cartas e alguns de seus seguidores tenham considerado essas adaptações como inadmissíveis à tradição joanina, visto que as cartas – e dentre elas especialmente a 3João – testemunham uma oposição frontal a qualquer primado, seja ele do “presbítero-bispo” ou de Pedro, entre os irmãos amados pelo Senhor;



e isto tenha ocasionado o desaparecimento deste ramo da comunidade joanina. Jo 21 surge, então, como

*uma voz mais moderada que persuade os cristãos joaninos de que a autoridade pastoral praticada nas Igrejas apostólicas e na Igreja católica foi instituída por Jesus e que poderia ser aceita sem prejuízo da categoria que atribuiu Jesus ao(s) discípulo(s) a quem mais amava (Brown, 2005, p. 154, tradução nossa).*

Neste sentido, seguindo Jo 21, recomenda-se a figura de Pedro ao leitor joanino, contudo, sem trair a memória e o patrimônio do discípulo amado. Com certeza, joga nova luz sobre o modo como os seguidores da doutrina joânica chegaram a formar parte da Igreja católica e apostólica.

### 3 O capítulo 21 do Evangelho de João

Que o Evangelho de João que temos hoje no cânon bíblico não tenha sido obra de um só, mas de vários autores, é ponto pacífico na exegese moderna (Konings, 2005, p. 366-373). Isso é comprovado pela ordem da narração (p. ex.: a Jo 14,31 segue-se Jo 18,1, logo Jo 15-17 são acréscimo posterior) e pelo princípio da coerência teológica (p. ex., todo o restante do Evangelho não possui uma visão sacramental, presente apenas em Jo 19,34-35.37, que é, portanto, um acréscimo posterior ao Evangelho primitivo) (Zumstein, 1990, p. 207-208).

Contudo, o exemplo paradigmático dessa evolução redacional do Evangelho de João é a problemática em torno da redação de Jo 21, nitidamente um epílogo acrescentado posteriormente ao já concluído Quarto Evangelho (Jo 1-20) (Zumstein, 1990, p. 208). Nesta linha, Zemstein<sup>5</sup> (1990, p. 213) trabalha com duas hipóteses:

- ✓ o Evangelho traz marcas incontestáveis de uma redação final distinta do trabalho do evangelista. Consequentemente, o texto se apresenta como um texto dinâmico que possui ele mesmo seu movimento interpretativo;
- ✓ o ambiente no qual se desenvolve esse esforço interpretativo, que se cristaliza no desenvolvimento redacional do texto, é a escola joanina, um ambiente estruturado e teologicamente

<sup>5</sup> Jean Zumstein é professor na Faculdade de Teologia protestante de Zurich, especialista em exegese e hermenêutica bíblica, e mais especialmente em literatura joanina, sobre a qual publicou numerosos estudos.



coerente, cuja atividade consiste na transmissão, explicitação e atualização da tradição do discípulo amado, num espírito de fidelidade ao seu fundador.

Essas duas hipóteses interagem e indicam que a redação final do Evangelho é fruto de uma relação dialética entre o trabalho da escola joanina e o trabalho do evangelista, ou seja, é um prolongamento da tradição, um desenvolvimento interpretativo que não visa modificar o texto recebido, mas consignar o trabalho teológico desenvolvido pela escola em função das questões surgidas em âmbito eclesial (Zumstein, 1990, p. 214).

No entanto, é possível reafirmar que a primeira redação do Evangelho de João era o retrato de uma comunidade unida ao redor do testemunho do discípulo amado (Fausti, 2024), mas que, aos poucos, especialmente com o contato e as influências da gnose, experimentou forte divisão interna e grandes obstáculos para estabelecer sua comunhão e pertença à “Grande Igreja” (Brown, 2005, p. 103)<sup>6</sup>.

Jo 21 não é um mero apêndice que não interage nem afeta o todo do Evangelho primitivo (Jo 1-20), mas ele o reconfigura como um todo. Isso significa que Jo 21 é um desenvolvimento teológico e literário gerado pelo próprio Evangelho. É uma etapa coerente da trajetória joanina (Haenchen, 1984; Casalegno, 2009; Schnackenburg, 1981). Portanto, há que se reconhecer que há algo de específico em Jo 21 e como esse elemento específico posterior ilumina todo o Evangelho primitivo gerando uma nova totalização, visto que o sistema que forma Jo 1-21 é qualitativamente diferente do sistema formado por Jo 1-20 (Zumstein, 1990, p. 215). Zumstein (2017) desenvolve esse raciocínio em três etapas: 1) o capítulo 21 é um acréscimo posterior; 2) que reconhece a legitimidade dos capítulos 1-20; 3) e leva a reformular o modo de ver todo o Evangelho.

### 3.1 Um acréscimo posterior

Uma vez que na exegese jamais se conheceu uma versão canônica do Evangelho de João sem Jo 21, o que nos permite pensar que ele seja

<sup>6</sup> Brown defende que a divisão interna da comunidade joanina, como já vimos, não se dá por influências externas como a gnose, mas por modos de interpretação do evangelho primitivo que, sendo neutral, dava margem para tanto. Na página 94, Brown afirma: “é precisamente a mensagem contida no evangelho o que conduziu à divisão da comunidade, porque havia dois grupos que o interpretavam de distinta maneira”.



um acréscimo posterior? Zumstein apresenta 5 argumentos (Zumstein, 1990, p. 215-219):

1) A conclusão teológico-literária de Jo 20,30-31<sup>7</sup>, confirmada por sua utilização em 2Jo 12<sup>8</sup> e 3Jo 13<sup>9</sup> para concluir essas cartas, demonstra que essa era a forma habitual de conclusão na escola joanina, o que nos leva a considerar que o Evangelho primitivo (Jo 1-20) é uma obra concluída.

2) Da mesma forma, a expressão “Porque viste, creste. Felizes os que não viram e creram” (Jo 20,29) que encerra a aparição da Jesus a Tomé, relatada em Jo 20,24-29, conclui o ciclo das aparições do Ressuscitado confirmando a regra de fé que permanecerá no período pós-pascal: “crer sem ver”. Isto demonstra que uma nova aparição como a de Jo 21 foi posteriormente acrescentada.

3) Também com a aparição de Jesus aos Onze de Jo 20,19-23, Jo 21 coloca-se em grande contradição: a aparição aos Onze se encerra com o envio missionário e o dom do Espírito, como habilitação para o exercício do perdão (da redenção) escatológico.

*No entanto, embora enviados, iluminados e fortalecidos, os discípulos, de acordo com capítulo 21, adotam uma conduta pelo menos estranha: eles voltaram para a Galileia para retomar o trabalho da pesca, como se não conhecessem a boa notícia da Ressurreição (Zumstein, 1990, p. 216-217, tradução nossa).*

A essa contradição fundamental somam-se ainda outras duas que são aparentes: a) Jo 21,1-14 (e também Jo 20,11-18) pertence a um gênero de lendas de reconhecimento, o que presume que esta seja a primeira vez que Jesus aparece aos discípulos depois da morte, não obstante Jo 21 qualifique explicitamente esta como “a terceira vez que Jesus se manifestou aos discípulos depois de ressuscitados dos mortos” (Jo 21,14); b) o encontro de Jesus com Pedro (Jo 21,15-19) se encaixa mal à aparição de Jesus aos Onze (Jo 20,19-23). Uma vez que nesta já se restabelece a comunhão entre Jesus e os Onze, é desnecessário que esta comunhão se restabeleça pessoalmente com

<sup>7</sup> “Jesus fez ainda, diante de seus discípulos, muitos outros sinais, que não se acham escritos neste livro. Esses, porém, foram escritos para credes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome”

<sup>8</sup> “Embora tenha muitas coisas a vos escrever, não quis fazê-lo com papel e tinta...”

<sup>9</sup> “Teria muitas coisas a te escrever, mas não quero fazê-lo com tinta e pena...”



Pedro. Igualmente, que o ministério confiado aos Onze tenha que ser pessoalmente confiado a Pedro – a não ser que se queira destacar o papel de Pedro entre os Onze.

4) Em Jo 21,24, há um “nós” que não é, provavelmente, um plural majestático, mas a expressão literária de que Jo 21 é obra de um grupo, à diferença do restante do Evangelho, a quem o mesmo versículo atribui a um autor singular, chamando-o “discípulo”, de quem os versículos imediatamente precedentes falaram acerca de sua morte. Este “nós” só encontra eco no restante do Evangelho em Jo 1,14. Trata-se, pois, de uma dupla redação: uma singular, a do discípulo amado, que é mestre e autoridade para a escola joanina, que é a plural.

5) Jo 21 tem particularidades alheias ao restante do Quarto Evangelho, por exemplo:

a) Todo o Evangelho (Jo 1-20) tem uma preocupação cristológica, busca estabelecer a identidade de Jesus; Jo 21 é fundamentalmente eclesiológico, trata de definir o papel de Pedro e do discípulo amado na comunidade pós-pascal.

b) Essa troca de problemática muda também a forma do discurso e seus procedimentos típicos, que são o símbolo, a ironia e os mal-entendidos, bem como as declarações cristológicas. Em Jo 21, está ausente a típica ironia do restante do Quarto Evangelho. Os mal-entendidos não são mais sobre a missão de Jesus e sua morte, mas sobre o destino do discípulo amado. As declarações cristológicas não são mais palavras de autorrevelação, mas expressões sobre Pedro e o discípulo amado. Apenas o simbolismo se mantém. O objetivo do argumento não é mais, como em todo o Quarto Evangelho, ganhar o leitor para a concepção de fé joanina, mas definir o espaço e o papel das autoridades eclesiais, legitimando-as.

c) Em Jo 21, ocorrem temas teológicos a respeito dos quais se suspeita, já em outros lugares, que sejam acréscimos ao Evangelho primitivo, tais como a eucaristia e a parusia.

d) Os “filhos de Zebedeu” são citados pela primeira vez no Quarto Evangelho, em Jo 21. Só neste capítulo é que o leitor saberá que Natanael é de Caná da Galileia e que os discípulos são pescadores, informações típicas dos Evangelhos Sinóticos.

Tudo isso reforça a tese de que Jo 21 é um acréscimo posterior de um grupo da escola joanina ao Evangelho já constituído.



### 3.2 Reconhecimento da legitimidade do Evangelho primitivo

Embora muitos autores vejam em Jo 21 uma tentativa de correção do Evangelho joanino, para livrá-lo de alguns perigos correntes na teologia do evangelista, preferimos a hipótese de que Jo 21 reconhece a autoridade do Evangelho primitivo e trabalha para afirmar sua legitimidade (Zumstein, 1990, p. 219). Três atitudes dos autores de Jo 21 sustentam essa tese:

1) Os autores respeitam a conclusão do Quarto Evangelho em Jo 20,30-31, deixando claro que o seu trabalho é um epílogo e não algo que poderia ser considerado parte do próprio Evangelho se se omitisse a conclusão, enxertando-o no *corpus* do Evangelho. Isto demonstra um reconhecimento por parte da escola joanina e seu meio eclesial de que o Evangelho é um trabalho concluído e que tem sua autoridade, de modo que não pode ser adulterado.

2) Os autores expressam sua pertença à escola joanina e afirmam sua harmonia com o trabalho do evangelista seguindo os mesmos processos de escrita: o clássico encadeamento de sinal e diálogo (Jo 5; 6; 9; 11) é a estrutura básica de Jo 21 (Jo 21,1-14, sinal/aparição; e Jo 21,15-23, diálogo). É ainda típico do evangelista que ao passar do sinal ao diálogo desapareça o lugar e as personagens secundárias, o que ocorre nitidamente em Jo 21. O costume do evangelista de numerar os sinais (Jo 2,11; 4,54; 21,14) também ocorre na redação de Jo 21. Por fim, a conclusão de Jo 21,25 é claramente dependente da conclusão de Jo 20,30-31.

3) Os autores encadeiam seu epílogo ao corpo do Quarto Evangelho referindo-se a ele e à sua ordem: Jo 21,1 começa afirmando que “depois disso...”, clara referência ao Evangelho primitivo; Jo 21,14, ao numerar a aparição de Jesus como a “terceira” está em perfeita continuidade com as duas aparições relatadas em Jo 20; os dois discípulos que encabeçam a lista de Jo 21,2 – Pedro e Tomé – são os protagonistas da aparição de Jo 20,24-29; Natanael, que se segue, é o mesmo a quem se prometeu “verás coisas maiores do que essas” em Jo 1,50; a refeição de Jo 21 faz eco à refeição de Jo 6; o nome que o Ressuscitado usa para referir-se a Pedro, “Simão, filho de João”, em Jo 21, remete à cena do chamado em Jo 1,42. “O grupo que trabalha no capítulo 21 não estão numa relação de distanciamen-



to do Evangelho; ao contrário, está em uma posição de respeito e cumplicidade” (Zumstein, 1990, p. 221, tradução nossa); Boismard; Lamouille, 1987, Tome III).

### 3.3 Um novo olhar sobre todo o Evangelho de João

É consenso entre os críticos que o assunto prioritário, mas não exclusivo, de Jo 21 é o esclarecimento da responsabilidade pós-pascal de Pedro e do discípulo amado e que, com isso, Jo 21 ressignifica todo o Evangelho joanino.

Essa ressignificação acontece na mudança da problemática fundamental a que já aludimos acima: o Quarto Evangelho (Jo 1-20) empenha-se em aprofundar a fé do leitor, em conduzi-lo ao pleno conhecimento da verdadeira identidade de Cristo a ponto de dar sua plena adesão à alta cristologia expressa no texto. O prólogo (Jo 1,1-18) e a conclusão (Jo 20,30-31) são evidentes expressões desse projeto argumentativo. Já o epílogo (Jo 21) é de natureza eclesiológica, o que aparece nitidamente na pesca milagrosa que segue à aparição do ressuscitado. Também a inversão de funções das personagens expressa essa mudança de problemática: ao longo do Evangelho (Jo 1-20) os personagens existem em função de Cristo, da revelação de quem ele é; no epílogo, é Cristo que age em função de revelar o significado e o papel eclesial de Pedro e do discípulo amado. Outra evidência é a mudança do foco, que em todo o Quarto Evangelho está na morte de Jesus e, no epílogo, está na morte de Pedro e do discípulo amado.

Jo 21 explicita as mediações pelas quais o Ressuscitado continua presente na comunidade dos seus discípulos após a Páscoa: a refeição eucarística, a tarefa pastoral de Pedro e o testemunho do discípulo amado. Em Jo 21, a relação entre Pedro e o discípulo amado é reequilibrada. E é nesse reequilibrar da relação entre Pedro e o discípulo amado que chegamos ao cerne da nossa questão, pois esse reequilíbrio revela o esforço da comunidade joanina em incorporar elementos da eclesiologia da “Grande Igreja” (coloquei aspas em todas, menos a da palavras-chave), sem deixar de aportar para ela a sua contribuição própria, estabelecendo assim a comunhão das comunidades joaninas na Igreja Católica.



## 4 Pedro e o discípulo amado: uma relação de comunhão em Jo 21

### 4.1 Sinais da palidez de Pedro ao longo do Evangelho de João

Excetuando Jo 21, no restante do Quarto Evangelho (Jo 1–20), a figura de Pedro é tratada com significativa palidez, fato que destoia do modo com os Evangelhos Sinóticos apresentam a mesma personagem (Vignolo, 1994; Boismard; Lamouille, 1987, Tome III). A importância que os Sinóticos dão a Pedro, à sua vocação, à sua confissão e à sua missão é sem comparação com o modesto papel que eles dão a João. Consideremos alguns exemplos no quadro abaixo:

1,35-42:	Pedro não é o primeiro a seguir Jesus,	Mc 1,16-18; Mt 4,18-22; Lc 5,1-11
	nem a reconhecê-lo como Cristo.	Mc 8,27-30; Mt 16,13-20; Lc 9,18-21
6,6-69:	A profissão de fé de Pedro não tem a relevância dos Sinóticos	
13,6-11:	A atitude de Pedro durante o lava-pés revela sua impetuosidade e sua total incompreensão da missão de Jesus	Os Sinóticos não narram o lava-pés, mas a incompreensão aparece quando Pedro decepa a orelha do soldado: Mc 14,17; Mt 26,51-54; Lc 22,49-51
13,36-38:	Anúncio da traição: “não podes seguir-me agora, mas me seguirás mais tarde” (v. 36)	Mc 14,29-31; Mt 26,33-35; Lc 22,31-34 São concordes
18,17-18. 25-27:	As negações de Pedro revelam sua terrível infidelidade na hora decisiva	Os Sinóticos relativizam, de certa forma, as negações com o “abandono dos discípulos» e arrependimento imediato de Pedro: Mc 14,72; Mt 26,75; Lc 22,62
20,3-10	Pedro chega depois, entra primeiro, mas é o “outro discípulo” quem primeiro compreende e crê	Lc 24,12.24. Os Sinóticos desconhecem essa problemática.



## 4.2 Sinais da proeminência do discípulo amado no Evangelho de João

A citação do discípulo amado é extremamente significativa em 3 passagens do Evangelho de João:

- ✓ **Na última ceia** (Jo 13,23-25): ele está “reclinado sobre o peito de Jesus”, posição que revela certa intimidade, mas que significa ainda mais se se olha Jo 1,18. Significa que o discípulo amado ocupa em relação a Jesus a posição que Jesus ocupa em relação ao Pai, de modo que, assim como Jesus é o revelador e intérprete do Pai diante dos homens, igualmente o discípulo amado é testemunha e hermenêuta de Jesus diante dos seus, para a comunidade crente.
- ✓ **Na cruz** (Jo 19,26-27): o discípulo amado é o único discípulo-homem que está presente na cruz, enquanto as discípulas-mulheres não o abandonaram (Jo 19,25). Embora o convite dirigido por Jesus ao discípulo amado para que assuma o lugar de filho não seja de fácil interpretação, claro está que o discípulo amado aparece aqui como testemunha de Cristo (Jo 19,35) e fundador da Igreja (Jo 19,34b). Para Mateos e Barreto (1998, p. 782-785), quando Jesus pede ao discípulo amado (figura da nova comunidade) receba sua Mãe (figura da antiga comunidade, o resto de Israel fiel à promessa, Jo 2,1-5), ele está unindo o antigo Israel à comunidade da nova aliança.
- ✓ **Na corrida ao túmulo** (Jo 20,2-10): a vitória do discípulo amado sobre Pedro na corrida ao sepulcro denota mais uma vez a sua agilidade e presteza para alcançar a Revelação do Filho e chegar à fé. Não obstante, esperá-lo para entrar no sepulcro ateste a autoridade já reconhecida de Pedro na comunidade primitiva.

A intenção geral do evangelista é clara: a intimidade, a fidelidade e a agilidade (para chegar à fé) do discípulo amado durante o processo da paixão, morte e ressurreição de Jesus, dão-lhe a plena compreensão do Filho e habilitam-no como “a” testemunha. Assim, ele aparece como fundador de uma tradição que se impõe por sua fidelidade e por sua perfeição interpretativa do mistério pascal. Figura fundadora e emblemática da escola joanina, o discípulo amado garante a autenticidade do seu testemunho, do seu Evangelho.



Jo 21, por sua vez, não se aparta dessa perspectiva. Em Jo 21,7 outra vez é ele quem por primeiro reconhece o Ressuscitado e em Jo 21,20 é reconhecida por Pedro a sua intimidade com o Cristo histórico. Assim sendo, segundo a argumentação de Zumenstein, é possível afirmar que “na ordem da fidelidade, da intimidade e da compreensão de Jesus, o discípulo amado prevalece indiscutivelmente sobre Pedro nos cap. 13 a 20” (1990, p. 224, tradução nossa).

### 4.3 Sinais da proeminência de Pedro em Jo 21

Se, por um lado, a figura de Pedro é tratada com certa palidez no restante do Quarto Evangelho (Jo 1-20), por outro lado, em Jo 21, Pedro ganha proeminência em relação ao discípulo amado e a todos os outros discípulos, como nos Sinóticos (Vignolo, 1994). Isso é possível conferir no decorrer de Jo 21:

Jo 21,2 – Pedro encabeça a lista dos discípulos;

Jo, 21,3 – Pedro tem a iniciativa de pescar e é seguido pelos outros discípulos;

Jo 21,7 – Pedro veste-se: reconhece a sua culpa (Gn 3,8-10) e lança-se ao encontro do Senhor;

Jo 21,11 – Pedro arrasta sozinho a rede cheia de 153 grandes peixes e a rede não se rompe;

Jo 21,15-17 – Diálogo de reabilitação de Pedro: – Tu me amas? – Amo. – Apascenta o meu rebanho (Jo 10). O que fora perdido numa simbólica tríplice negação, é agora readquirido numa simbólica tríplice pergunta-resposta, ambas seguidas de uma missão: apascentar;

Jo 21,18-19 – Anúncio do martírio de Pedro (Jo 10,11: “O bom pastor dá a vida por suas ovelhas”) (Gonzaga; Silva Filho, 2023, p. 491-522); “Segue-me”: agora já podeis seguir-me (Jo 13,26);

Jo 21,20-23 – Pedro torna-se intermediário entre Jesus e o discípulo amado, aquele que até agora fora o seu intermediário com Jesus. Ou seja, foi plenamente reabilitado.

Ao longo de todo o Evangelho, especialmente Jo 13-20, o discípulo amado é íntimo de Jesus; e Pedro, ao contrário, só chega a Jesus por seu intermédio. Durante a última ceia, o discípulo amado está ao lado de Jesus, “reclinado sobre seu peito” (Jo 13,23-25), e intermedia a



pergunta endereçada por Pedro sobre quem seria o traidor. No processo, eles permanecem próximos ao mestre e o acompanham ao tribunal do Sumo Sacerdote, mas é pela intercessão do discípulo amado que Pedro pode entrar no palácio (Jo 18,15-18), aquele que tragicamente será o espaço das suas negações. “Perto da cruz” (Jo 19,26-27), a ausência de Pedro opõe-se à presença do discípulo amado. No caminho da manhã de Páscoa, se Pedro entra primeiro no túmulo, apenas o discípulo amado compreende o acontecido (Jo 20,3-10). Por sua vez, Jo 21 modifica esta imagem: se o discípulo amado é o primeiro a reconhecer o Ressuscitado, é Pedro que se lança na água para ir ao encontro do Senhor (Jo 21,7).

## Conclusão

A comunhão (*koinonia*) se faz por iniciativas concretas e permuta de dons. Depois da tentativa de comunhão interna com as cartas joaninas, a comunidade se dividiu nitidamente entre heterodoxos, que aderiram à gnose e levaram consigo o Quarto Evangelho e “ortodoxos”, uma pequena parte da comunidade que, permanecendo fiel às intenções do evangelista, buscou estabelecer a comunhão com a “Grande Igreja”, trazendo também para o seu seio o Quarto Evangelho. Esta divisão se pode atribuir em grande parte à ausência de hierarquia magisterial nas comunidades do discípulo amado, nas quais o mestre era o Paráclito.

No esforço de comunhão da comunidade joanina com a “Grande Igreja” se situa a redação, por parte da escola joanina, de Jo 21, um claro acréscimo, com função de epílogo, que reconhece a autoridade do Quarto Evangelho (Jo 1-20) e lança sobre ele um novo olhar.

O processo comunitário das comunidades joaninas com a “Grande Igreja” passa por uma permuta de valores entre ambas: a comunidade joanina, até então alheia ao exercício hierárquico e magisterial do ministério apostólico, assume essa prática muito comum nas comunidades paulinas; e, de modo especial, acolhe em seu seio o primado de Pedro, característica própria da comunhão católica da “Grande Igreja”, sem, com isso, renunciar à importância do testemunho do discípulo amado. Pelo contrário, aporta à “Grande Igreja” esse testemunho autêntico, marcante por sua fidelidade e por sua perfeição interpretativa do mistério pascal, condensado especialmente no Evangelho joanino.

Infelizmente o objetivo da unidade interna dos diversos grupos na comunidade do discípulo amado não foi alcançado e a comunidade



também se esfacelou. No entanto, aquele pequeno grupo fiel ao espírito joanino e encabeçado pela escola joanina conseguiu estabelecer plena comunhão com a “Grande Igreja”, de forma a alcançar também a presença do seu Evangelho no Cânon Bíblico dos escritos geradores de comunhão entre os seguidores de Jesus.

Felizmente, a Igreja acolheu a pequena parte interessada da comunidade joanina e o seu Evangelho, de modo que hoje, dois mil anos depois, temos a alegria e a felicidade de poder lê-lo e aprender sua mensagem, debruçando-nos sobre sua história, de modo a guiar-nos por seus ensinamentos contextualizados naquele tempo, mas válidos hoje e sempre. Nesta mesma linha, conclui-se com Brown, que afirma:

*a decisão hermenêutica da Igreja de situar o Evangelho de João no mesmo cânon de Marcos, Mateus e Lucas, Evangelhos estes que implicitamente defendem aspectos opostos a muitas posturas joaninas, significa que a “Grande Igreja”, a “Igreja Católica” da linguagem inaciana, consciente ou inconscientemente, escolheu viver em tensão. Não escolheu um Jesus que fora Deus ou homem, mas ambas as coisas; não escolheu um Jesus que fora ou concebido virginalmente como Filho de Deus ou preexistente como Filho de Deus, mas ambas as coisas; não escolheu um Espírito que se outorga a um ministério com autoridade docente ou o Paráclito-mestre que se dá a cada cristão, mas ambas as coisas; não a um Pedro ou a um discípulo amado, mas a ambos. A tensão não se aceita facilmente na vida ordinária e nós geralmente tratamos de resolvê-la e solucioná-la. Assim também ocorre na história da Igreja. Porém, devido à decisão da Igreja com respeito ao cânon, as tentativas de resolver simplesmente estas tensões teológicas em uma posição estática, por uma parte ou por outra, são infiéis ao conjunto do Novo Testamento (2005, p. 155).*

## Referências bibliográficas

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.

BÍBLIA Sagrada. Tradução Oficial da CNBB, 3. ed. Brasília: CNBB, 2019.

BARRETO, J.; MATEOS, J. *O Evangelho de São João* (Grande Comentário Bíblico). São Paulo: Paulus, 1998.



BEASLEY-MURRAY, G. R. *John*. World Biblical Commentary. Vol. 36. Revised Edition. Michigan (USA): Zondervan, 1999.

BOISMARD, M.-É.; LAMOUILLE, A. *L'évangile de Jean*. Synopse des Quatre Évangiles en Français, Tome III, Paris [France]: Les Éditions du Cerf, 1987.

BORING, M. E. *Introdução ao Novo Testamento: história, literatura, teologia*. Vol. 2. Carta Católicas, Sinóticos e Escritos Joanino. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2015.

BROWN, R. E. *Comentário ao Evangelho segundo João*. Vol. 2 (13-21). Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2020.

BROWN, R. E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004.

Brown, R. E. *La comunidad del discípulo amado* (BAC 43). Salamanca: BAC, 2005.

BRUCE, F. F. *João*. Introdução e Comentário. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2011.

CARSON, D. A. *The Gospel according to John*. Pillar New Testament Commentary. Grand Rapids [Michigan-USA]: WM. B. Eerdmans Publishing Company e Leicester [England]: Apollos, 1991.

CASALEGNO, A. *Evangelho na interpretação dos Padres da Igreja e dos Teólogos Medievais*. Florilégio de Clemente Romano a Tomás de Aquino. Coleção Bíblica Loyola, Vol. 76. São Paulo: Loyola, 2019.

CASALEGNO, A. *Para que contemplem a minha glória (Jo 17,24)*: Introdução à teologia do Evangelho de João. Coleção Bíblica Loyola, Vol. 57. São Paulo: Loyola, 2009.

FAUSTI, S. *Uma comunidade lê o Evangelho de João* (Leitura pastoral da Bíblia). Brasília: CNBB, 2024.

GONZAGA, W. A acolhida e o lugar do Corpus Joanino no Cânon do Novo Testamento. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 52, n. 3, set./dez. 2020, p. 681-704. Doi: <https://doi.org/10.20911/21768757v52n3p681/2020>.

GONZAGA, W. *Compêndio do Cânon Bíblico*. Listas bilíngues dos Catálogos Bíblicos. Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos. Rio de Janeiro: EdiPUC-Rio; Petrópolis: Vozes, 2019.



GONZAGA, W.; LIMA, A. P. A profissão de fé de Tomé (Jo 20,28) e sua base veterotestamentária (Sl 35,23). *Cadernos de Sion*, 3(2), 2022, p. 130-163.

GONZAGA, W.; TELLES, A. C. A relação entre o prólogo de Jo 1,1-18 e o prólogo de 1Jo 1,1-4. *Pesquisas em Teologia*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p. 292-317, jul./dez. 2023. Doi: <http://doi.org/10.46859/PUCRio.Acad.PqTeo.2595-9409.2023v6n12p292>.

GONZAGA, W.; SILVA FILHO, J. R., Jesus, o Bom Pastor, aquele que dá a vida. Jo 10,1-18 e sua base veterotestamentária (Sl 23 e Ez 34). *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 38, n. 2, maio/ago. 2023, p. 491-522. Doi: <https://doi.org/10.46525/ret.v38i2>.

GONZAGA, W. O *corpus* dos Evangelhos e Atos no Cânon do Novo Testamento. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 74, p. 01-19, jul./dez. 2024. Doi: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.68628>.

GONZAGA, W. *O Cânon Bíblico do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2025.

HAENCHEN, E. *John 2. A Commentary on the Gospel of John Chapters 7-21*. Hermeneia – A Critical and Historical Commentary on the Bible. Philadelphia (USA): Fortress Press, 1984.

KONINGS, J. *Evangelho Segundo João*. Amor e fidelidade. São Paulo: Loyola, 2005.

KÖSTENBERGER, Andreas J. *A Theology of John's Gospel and Letters*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2009.

LEÓN-DUFOUR, X. *Lectura del Evangelio de Juan IV* (Biblioteca de Estudios Bíblicos 96). Salamanca, 1998.

LIMA, A. P.; GONZAGA, W. *A profissão de fé de Tomé à luz do Antigo Testamento*. ὁ κύριός μου καὶ ὁ θεός μου (Jo 20,28; Sl 35,23). Rio de Janeiro: Letra Capital, 2024.

REBAQUE, F. R. El nacimiento de la Gran Iglesia. In: Aguirre, R. (ed.). *Así empezó el cristianismo* (Ágora 28). Estella: Verbo Divino, 2010. p. 427-480.

SCHNACKENBURG, R. *Il Vangelho di Giovanni*. Commentario Teologico del Nuovo Testamento. Parte terza. Brescia [Itália]: Paideia, 1981.



UBIETA, C. B. Las comunidades joánicas: un largo recorrido en dos generaciones. In: Aguirre, R. (ed.). *Así empezó el cristianismo* (Ágora 28). Estella: Verbo Divino, 2010. p. 293-340.

VIGNOLO, Roberto. *Personaggi del quarto Vangelo*. Figure della fede in San Giovanni. Milano: Glossa, 1994.

VOUGA, F. *La cadre historique et l'intention théologique de Jean*. Paris: Beauchesne, 1977.

VOUGA, F. *Los primeros pasos del cristianismo*. Escritos, protagonistas, debates. Estella, 2001.

ZUMSTEIN, J. *Il Vangelo secondo Giovanni*. Vol. 2. Torino [Itália]: Claudiana, 2017.

ZUMSTEIN, J. *L'Évangile selon Saint Jean (13-21)*. Genève, 2007.

ZUMSTEIN, J. *La communauté johannique e son histoire*. Genève, 1990.